

**“OS JOVENS BRASILEIROS GOSTAM DE BRILHAR, SÃO INDIVIDUALISTAS E CONSERVADORES”:
AS DÉCADAS DE 1980 E 1990 E AS MUDANÇAS NAS REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE**

Nathália Jonaine Hermann ¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações, nas revistas *Veja* e *IstoÉ*, de uma juventude específica brasileira nas décadas de 1980 e 1990. As 29 reportagens selecionadas, 10 na década de 1980 e 19 na década de 1990, foram divididas em três temáticas: conservadorismo, consumismo e sexualidade. O contexto da época, marcado pelo fim do regime militar que desencadeou uma crise econômica e política no país, influenciou a representação de juventude produzida pelas revistas. Levando-se em conta estudos que alertam para a necessidade de se trabalhar com o conceito de juventude destacando as pluralidades da faixa etária, como os trabalhos dos sociólogos José Machado Pais (1990) e Helena Wendel Abramo (1997), a juventude em questão, objeto de análise deste trabalho, representava uma pequena parcela dos jovens brasileiros da época, considerada de classe média. O conceito de geração, que é trabalhado na história do tempo presente com contribuições de François Dosse (2013) e Reinhart Koselleck (2014), é útil para a historiografia da juventude justamente porque “a geração existe [...] no território do historiador, ao mesmo tempo como objeto de história e como instrumento de análise” (SIRINELLI, 2006, p. 137). As contribuições do historiador Roger Chartier (1990; 2011) acerca do conceito de representação e de autores que trabalham com a história da imprensa, como Maria Helena Capelato (1988) e Tania de Luca (2005) também são utilizados para a análise das reportagens.

Palavras-chave: Juventude. Representação. *Veja*. *IstoÉ*.

A juventude brasileira das décadas de 1980 e 1990 passou por um período de transição que acompanhou as mudanças que aconteciam no próprio Brasil. Esses jovens passavam pelo processo biológico de amadurecimento, processo esse que garante à juventude um caráter transicional de uma fase da vida que carrega consigo uma série de mudanças e inquietudes. É nela que se desenvolvem as maturidades intelectuais e sexuais, assim como o pleno florescimento das faculdades mentais dos indivíduos (LEVI;SCHMITT, 1996, p. 8).

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente (UDESC). E-mail: nathaliahermann@gmail.com.

Na mesma medida que essa juventude passava por um processo de transição interior, os jovens acompanhavam o conturbado contexto brasileiro do recorte da pesquisa. A passagem da ditadura para a democracia impactou tanto jovens da década de 1980, que vivenciaram o processo de redemocratização, quanto jovens que viveram nos anos 1990, os quais sofreram as reverberações do novo regime político. O Brasil, dentro do recorte selecionado, passou por um processo de ampliação dos direitos civis posterior a uma ditadura militar que perdurou por duas décadas. Com a constituição de 1988, o auge do retorno desse processo, uma série de direitos sociais foram garantidos à população numa época de consolidação de uma democracia plena (AARÃO REIS, 2014).

Por conta da retomada da liberdade de expressão, a *mass-media* encontra-se rodeada de novas temáticas disponíveis que poderiam resultar em materiais para produções jornalísticas e publicitárias. Durante o período que engloba as décadas de 1980 e 1990, as revistas *Veja* e *IstoÉ* eram publicações de grande circulação no Brasil. Foi nesse cenário que a figura do jovem emergiu e se tornou recorrente na mídia impressa brasileira. Partindo dessa premissa da emergência da temática juvenil nas revistas citadas acima e dentro do recorte delimitado pelas décadas de 1980 e 1990, este trabalho pretende analisar a representação de uma juventude; juventude essa de classe média e habitante dos grandes centros urbanos brasileiros.

Numa pequena análise voltada às revistas que produziram essa representação sobre uma juventude, é importante perceber as diferenças e as aproximações dos dois impressos, uma vez que as duas revistas tinham posicionamentos semelhantes acerca dessa juventude abastada. A *Veja* é uma revista semanal de informações gerais, carro-chefe da editora Abril, e que teve sua primeira edição publicada em 1968 sob a edição dos jornalistas Mino Carta e Victor Civita. Segundo a socióloga Maria Celeste Mira, a *Veja* tinha uma lógica de produção que acompanhava a modernização da sociedade, ou seja, o consumidor tinha que ler o máximo de informações possíveis no mínimo percurso de tempo (MIRA, 1997). A revista *IstoÉ*, publicada pela editora Três, teve seu primeiro número publicado em 1976 e tinha como editor chefe Mino Carta, que havia deixado a edição da revista *Veja* de maneira controversa.

As duas publicações tinham suas diferenças e similaridades. O jornalista Mino Carta esteve presente na criação e ambas as revistas, mas enquanto a *Veja* era reconhecida como a revista semanal de maior circulação do Brasil, a *IstoÉ* “se apresentava mais como uma revista

de análise do que de produção de noticiário” (CARVALHO; LOHN; OLIVEIRA, 2016, p. 160). As publicações tiveram muita relevância no processo de redemocratização do Brasil por serem revistas de grande circulação durante a década de 1980.

É importante acentuar que a representação de uma juventude presente nas revistas está dentro do período de formação e solidificação de uma classe média brasileira urbana. O sociólogo Vilmar Faria (1983), ao analisar censos do IBGE constatou que um fluxo de migração para as os centros urbanos nos anos 1970 e 1980. Enquanto nos anos 1970 cerca de 38,5% da população urbana vivia em cidades com 20 mil habitantes ou mais, o censo de 1980 revelou que 75% da população urbana residia em cidades com mais de 100.000 habitantes. Os notáveis fluxos populacionais durante esse período de tempo, marcado pela urbanização e pelo êxodo rural, criaram um novo segmento econômico: a classe média.

A essência da representação dessa juventude analisada pode ser percebida no título escolhido para o presente trabalho. O trecho “Os jovens brasileiros gostam de brilhar, são individualistas e conservadores” (*IstoÉ*, 21/04/1993, edição 1229, p. 54) foi retirado do subtítulo de uma das reportagens analisadas na presente pesquisa. Segundo a reportagem a juventude revolucionária das décadas de 1960 e 1970, engajada em movimentos políticos, foi deixada para trás, dando espaço para uma juventude com características bastante distintas de sua geração anterior.

A juventude que apareceu nas 29 reportagens analisadas foi representada como consumista, individualista e conservadora por ambas as revistas. Partindo do pressuposto de que os periódicos são sempre intencionados (LUCA, 2005), a pesquisa procurou investigar quais foram os objetivos e as motivações dessa representação acerca de uma juventude específica. Numa abordagem mais específica, pretendeu-se analisar a representação conservadora da juventude nas décadas de 1980 e 1990 nas revistas *Veja* e *IstoÉ* no âmbito das relações cotidianas dos jovens, no que diz respeito às relações afetivas e nas práticas culturais.

A temática principal do presente trabalho, a juventude, é uma categoria que, historicamente não pode ser definida como um todo equivalente em todos os quadrantes da história. Não existe uma única definição válida para definir a juventude, pois a mesma é uma construção sociocultural que se adequa e se modifica de sociedade para sociedade (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 7-8).

Diversas tentativas de conceituar e delimitar a juventude e a adolescência fazem parte de estudos e discussões de variadas áreas das ciências humanas. A juventude e a adolescência, termos muitas vezes tratados como sinônimos, se diferenciam de acordo com definições de faixa etária no Brasil. O jovem, termo que muda de acordo com o passar do tempo e com as características culturais de cada localidade, engloba indivíduos com idades entre 15 e 29 anos; já o adolescente é um indivíduo com idade entre 15 e 18 anos².

A utilização da temática da juventude, a partir da análise das reportagens, traz a tona questionamentos a respeito de questões geracionais que ficam evidentes com os artigos, pois mesmo abordando a temática juvenil tais artigos se encontram em revistas voltadas para um público adulto. O debate acerca do conceito de geração é bastante caro à história do tempo presente justamente por ser igualmente permeado de tensões; a história do tempo presente, segundo Jean-Pierre Rioux, pode ser definida como “um vibrato do inacabado que anima todo um passado” (RIOUX, 1999, p. 50). O embate geracional, presente nas reportagens analisadas, encaixa-se em discussões pertinentes à história do tempo presente por conta da relação entre diferentes gerações, cada uma com suas características e peculiaridades, coexistindo dentro de um recorte temporal.

As motivações que levaram à criação do campo historiográfico do tempo presente, segundo Agnès Chaveau e Philippe Tétart, vinham dos anos 1950, quando a sociedade demandava esclarecimentos acerca dos traumas vivenciados na Segunda Guerra Mundial. A história do tempo presente produziria uma historiografia voltada à demanda social que emergiu no pós guerra e que tinha como pilares “aumento e a aceleração da comunicação, a renovação progressiva da imprensa e da edição, a elevação do nível de estudo e a força dos engajamentos ideológicos, morais, dos anos 1950 e 1960” (CHAVEAU; TÉTART, 1999, p.17).

No livro “A Era do Extremos” (2006), de Eric Hobsbawm, o historiador inglês afirma que no contexto pós Segunda Guerra Mundial, marcado pelas características acima, um embate geracional surgiu; foi a partir desse período que a juventude virou um grupo com consciência própria. Com a ascensão e o crescimento de uma cultura juvenil que surge de uma profunda mudança na relação entre as gerações (HOBSBAWM, 1996, p. 317). Esse embate

² Informações retiradas do Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm> Acesso em 25 de abril de 2017.

geracional descrito por Hobsbawm coincide com o principal marco temporal da história do tempo presente, que é o período pós Segunda Guerra Mundial.

Como o foco do trabalho foi uma parcela da juventude que está inserida nas décadas de 1980 e 1990, um conceito de juventude que surgiu em meados do fim da Segunda Guerra Mundial - e que traz a tona o *teenager* - foi utilizado. Assim como qualquer processo histórico de construção de categorias, a esfera do *teenager* passou por uma formação gradual que permeou o século XIX e XX. Jon Savage, jornalista inglês, em seu livro “A criação da juventude” (2007), cria uma narrativa que tem como objetivo explicitar como se deu a criação da juventude que tem o *teenager* como protagonista, a partir da análise de diversas fontes que permeiam o século XIX e o século XX.

A juventude é construída ao longo do tempo e pode sofrer mudanças justamente por ser uma categoria adaptável e mutável. Savage analisa fontes do século XIX, quando não existia uma definição da juventude como uma fase distinta da vida, para tentar construir uma linha de raciocínio que resultaria no conceito de *teenager* (SAVAGE, 2007, p. 13). A categoria surgiu no cenário estadunidense porque países do continente europeu haviam tentado organizar os adolescentes buscando fins bélicos, resultando em arregimentação e militarismo. Foi na América que o jovem ganhou destaque na sociedade a partir de sua inclusão no âmbito social, que possibilitou um cenário favorável ao desenvolvimento das culturas juvenis pautadas no potencial consumidor da faixa etária (SAVAGE, 2007, p. 497).

Com a consolidação do conceito de *teenager*, juntamente com a ascensão de uma cultura juvenil, as indústrias de bens de consumo tinham um novo público consumidor e, a partir daí, surge todo um mercado do entretenimento voltado para o público jovem (HOBSBAWM, 1996, p. 318). O conceito de *teenager* influenciou diretamente a juventude brasileira - assim como grande parte da juventude ocidental. A reprodução de padrões e comportamentos apreendidos da juventude estadunidense da década de 1950 são reverberados e ressignificados pelos jovens do Brasil ao mesmo tempo que despertam a atenção mundial para a temática.

Com o surgimento e consolidação, como dito anteriormente, de uma cultura juvenil pautada pela categoria *teenager*, as revistas dão um espaço cada vez maior para artigos voltados à representações acerca da juventude. Como parte da mídia impressa, as revistas são resultados de representações contextualizadas da realidade que acabam trazendo à tona a

perspectiva de um grupo seletivo para grandes massas. Na perspectiva da historiadora Maria Helena Capelato, “nos vários tipos de periódicos [...] encontramos projetos políticos e visões de mundo representativos de vários setores da sociedade” (CAPELATO, 1988, p.34). Ou seja, quando revistas são a fonte de pesquisa do historiador é essencial levar em conta que as mesmas são representações da realidade de determinado período e defendem interesses particulares.

A mídia impressa como fonte, para o historiador, traz a tona um trabalho complexo pois “a variedade da fonte impressa é enorme e as suas possibilidades de pesquisa são amplas e variadas” (LUCA, 2005, p. 141). Ao analisar as fontes é sempre essencial também se levar em conta a materialidade dos impressos pois os mesmos são formatados para chamar ou desviar a atenção do leitor dos acontecimentos. Na perspectiva de Tania de Luca “das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos dos computadores, há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de cultura” (2005, p. 132).

Entrando no campo das representações, já que a proposta a pesquisa foi analisar representações da juventude em artigos jornalísticos, entender a motivação das publicações é essencial para compreender a finalidade das mesmas. Segundo o historiador francês Roger Chartier “a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares” (CHARTIER, 2011, p. 16), ou seja, a utilização da temática juvenil carrega interesses particulares que eram transmitidos para grandes massas a partir da circulação das revistas. Portanto, torna-se fundamental se utilizar das revistas para “identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16).

Na perspectiva da história do tempo presente, a juventude é intrinsecamente ligada à categoria de geração, o que, como já dito anteriormente, a torna uma categoria complexa por conta de seu caráter transicional. Para o historiador francês Jean Sirinelli, “a geração existe [...] no território do historiador, ao mesmo tempo como objeto de história e como instrumento de análise” (2006, p. 137). Na historiografia, a categoria ainda é pouco explorada e suas discussões podem possibilitar uma série de discussões uma vez que “a geração é seguramente uma peça essencial da “engrenagem do tempo”, mas cuja importância pode variar conforme os setores estudados e os períodos abordados” (SIRINELLI, 2006, p. 137).

Para o sociólogo Pierre Bourdieu “a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas entre todas as sociedades” (1983, p. 112); ou seja, para o autor, recortes etários ou em gerações seriam objetos de manipulação. O sociólogo ainda complementa que “o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente” (BOURDIEU, 1983, p. 113). Partindo da ideia de que somos “sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, p. 113), a juventude e a velhice, para o autor, não seriam dados e sim construções sociais da ‘luta’ entre jovens e velhos. Por conseguinte, as relações entre idade biológica e social seriam muito complexas e, para o sociólogo francês, a noção de juventude somente faz sentido no contraste entre os mais novos e os mais velhos. Ou seja, Bourdieu compreende a categoria juventude sempre dentro de um critério etário e que, segundo ele, não faz sentido isoladamente.

Os sociólogos Mario Margulis e Marcelo Urresti, em seu texto “A juventude é mais que uma palavra” (1996), consideram que a categoria ‘juventude’ vai muito mais além do que Bourdieu compreende como ‘apenas uma palavra’. Para os dois sociólogos argentinos, é necessário ir além da juventude como uma demarcação etária uniforme pois a categoria, como condição histórico-cultural, não é vivenciada de forma igual para todos os integrantes inseridos na categoria estatística jovem. Segundo Margulis e Urresti (1996), a discussão feita por Bourdieu determina a juventude como um “mero signo” e uma construção cultural isolada de outras condições, como recortes de classe e gênero.

Philippe Ariès, em sua obra “História Social da Criança e da Família” (1978), ao investigar o novo lugar assumido pela criança e pela família nas sociedades industriais, mostra como a idéia de criança é construída historicamente. Na sociedade medieval, segundo Ariès (1978) o mundo infantil não era separado do adulto, portanto não havia uma fase de transição, que posteriormente seria a juventude, entre as duas faixas etárias. Para Ariès, é no final do século XVII, com a escola, que as condições para a criação das noções de infância e juventude, como etapas separadas da vida adulta, surgiram - por conta do isolamento de crianças e jovens dos adultos. Segundo Ariès:

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a

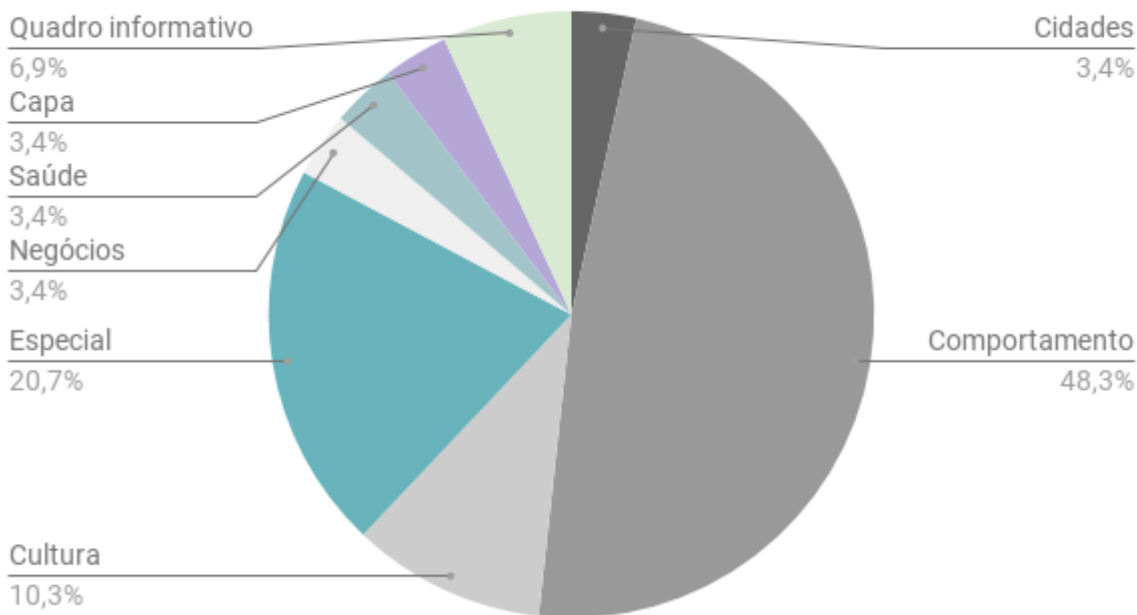
escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização (ARIÈS, 1978, p. 11).

Já para Para o historiador alemão Reinhart Koselleck (2014) os acontecimentos são movidos pela capacidade de surpresa dos indivíduos, sendo que “uma pessoa mais velha não se surpreende tão facilmente quanto um jovem” (KOSELLECK, 2014, p. 24); ou seja, a juventude, para o autor, é peça chave dos acontecimentos, acontecimentos esses que dão movimento à história.

Utilizando-se da historiografia da juventude juntamente com discussões da história do tempo presente, foi possível analisar as fontes que tinham como foco a representação de uma juventude de classe média nas revistas *Veja* e *IstoÉ*. No gráfico abaixo, as reportagens analisadas foram separadas de acordo com as seções as quais pertenciam.

Imagem 1:

Entre quais seções das revistas as fontes se dividem:



Dentre as seções, a que mais tem reportagens dentro do recorte temático estabelecido é seção ‘comportamento’, seguida da seção ‘especial’ e depois ‘cultura’; ou seja, havia uma demanda para que as revistas produzissem reportagens a respeito desta faixa etária. O fato da

maioria (48,3%) se encontrar na seção ‘comportamento’ demonstra que o público leitor das revistas se interessava pela temática, já que as primeiras reportagens sobre características da juventude de classe média brasileira dobraram de quantidade da década de 1980 (09 reportagens) para a década de 1990 (19 reportagens).

Ao longo da análise das 28 reportagens analisadas, 16 na revista *Veja* e 12 na revista *IstoÉ*, a representação de uma juventude conservadora, consumista e individualista se faz presente nas publicações. As três temáticas não aparecem isoladas nas reportagens; muito pelo contrário, estão, na maioria das vezes, relacionadas umas às outras. Os eixos que permeiam essas inter-relações são voltados ao consumismo, a sexualidade, como já foi dito acima, e à comparações com gerações anteriores a das juventude das décadas de 1980 e 1990.

De todos os artigos jornalísticos analisados, 28 reportagens fazem referências diretas ao individualismo³ da juventude que é representada nas revistas. Durante a década de 1980 a categoria aparece como uma aglutinadora das massas juvenis ditas ‘caretas’ ou ‘liberados’:

O individualismo é básico, valor fundamental para todo adolescente não arregimentado em grupos políticos. [...] A discussão mais expressiva, para todos, é a discussão do *eu*. Fundamentada num medo fóbico do que chamam *coletivo*, dos instintos de massa (*IstoÉ*, 16/04/1980, edição 173, p. 42).

O individualismo, segundo a psicóloga Hebe Signorini Gonçalves, “tem sido afirmado como marca da sociedade contemporânea. A ele se submetem todos os protagonistas sociais, em particular os que vivem e circulam nas grandes metrópoles, açodadas [...] pelo consumo” (GONÇALVES, 2005, p. 207). Nesse modelo contemporâneo de sociedade, a juventude torna-se mais vulnerável ao mesmo tempo que “impõe subjetividades e forja modos de pensar, sentir e agir ao segmento etário” (GONÇALVES, 2005, p. 207).

Na revista *Veja*, no corpo da reportagem intitulada “A voz da maioria” (*Veja*, 09/05/1984, edição 818) uma pesquisa feita pela agência publicitária McCann-Erickson⁴, com jovens de classe média do Rio de Janeiro e de São Paulo entre 15 e 24 anos, traz à tona um ‘perfil jovem’ “bem menos rebelde do que se imagina” (*Veja*, 09/05/1984, edição 818, p. 52).

³ Se utilizando da palavra ‘individualismo’ ou se referindo aos jovens como ‘individualistas’.

⁴ Criada em 1903 na cidade de Nova York, a McCann-Erickson Publicidade é uma das primeiras e mais sólidas agências de publicidade do mundo. Ao longo de 100 anos a McCann tornou-se uma referência mundial na propaganda, ocupando pela maioria deles, o 1º lugar no ranking de faturamento e com os maiores e mais famosos clientes globais, como Coca-Cola, Nestlé, MasterCard, General Motors, Microsoft e muitos outros. Informações retiradas do site da agência disponível em: <<https://www.mccann.com/>> Acesso em 10 de junho de 2017.

A agência de publicidade dividiu os jovens entrevistados em um “quinteto de opiniões e gostos diferentes” (Veja, 09/05/1984, edição 818, p. 52) sendo que num desses perfis era intitulado “o jovem conservador” é descrito como:

Suas grandes aspirações: casar, ter filhos, construir uma família feliz. Detesta aparecer e, ao escolher roupas, procura as que todo mundo está usando para não chamar a atenção. Não ousa ter ambição. Diante de comportamentos novos na sociedade, reage com insegurança e temor. Estuda, não trabalha. Para ele, a juventude está avançada demais. (Veja, 09/05/1984, edição 818, p. 53)

O perfil conservador da pesquisa de 1984 descrito acima, que representava 23% dos entrevistados, numa nova pesquisa da McCann-Erickson, em 1989, acabou por ter suas características resignificadas e incluídas numa nova modalidade, os individualistas.

Uma das características mais marcantes deste grupo [...] é o desejo de ascensão social. Extremamente individualistas, não gostam de ler e estudar. Formado em sua maioria por homens, este grupo é radicalmente machista. Para eles, a mulher se realiza como mãe e dona de casa. O lazer predileto dos individualistas é a televisão (Veja, 09/08/1989, edição 1091, p. 91)

No que tange o âmbito do consumismo exacerbado da juventude analisada no presente trabalho, o subtítulo de uma reportagem - “Com 1,3 bilhão de dólares de mesada no bolso, os *teens* se transformam em vorazes compradores, sacodem as estratégias de empresas e tornam-se alvos dos seus principais lançamentos” (IstoÉ, 01/06/1994, edição 1287, p. 52) - já traz a tona uma característica que é peça chave da representação de juventude analisada ao longo deste trabalho: o poder de compra.

Segundo o jornalista Jon Savage (2009), em 1944 a palavra *teenager* começou a ser usada para descrever a categoria de jovens entre os 14 e os 18 anos e “desde o início, foi um termo de marketing usado por publicitários e fabricantes que refletia o poder de consumo recentemente visível dos adolescentes” (SAVAGE, 2009, p. 11).

A juventude consumista das décadas de 1980 e 1990 representava uma pequena elite que não lidava com as inconstâncias da inflação da época e não teve grandes problemas com a crise econômica que assolava o país. “A vida virou de pernas pro ar. Ninguém podia comprar, o consumo caiu e milhares de trabalhadores ficaram desempregados. Empresas quebraram, o país perdeu a capacidade de poupar, e a população ia precisar de sorte para enfrentar o período” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 493). No entanto, enquanto o país passava

por sérias dificuldades financeiras, a parcela da juventude representada nas revistas *Veja* e *IstoÉ* mantinha seu alto padrão de consumo.

Um traço em comum entre a maioria das matérias jornalísticas selecionadas como fontes é a comparação das juventudes das décadas de 1980 e 1990 com a de seus pais ou com gerações anteriores, como a geração jovem de 1960, marcada por uma série de movimentos sociais no qual parcelas da juventude estiveram envolvidos, como o movimento hippie, a contracultura e a revolta de 1968 na Europa. Para o historiador francês Jean-François Sirinelli, a história, quando ritmada por gerações é uma “história em sanfona” porque ela vai “dilatando-se e encolhendo-se ao sabor e a frequência dos fatos inauguradores” (SIRINELLI, 2006, p. 134). Separar grandes grupos de pessoas nascidas numa mesma época e criar diferenciações entre eles a partir de ‘fatos inauguradores’ é a estratégia utilizada quando se usa o conceito de geração.

Nas reportagens, a geração vira um recurso narrativo utilizado diversas vezes para comparar a juventude das décadas de 1980 e 1990 com os jovens de outras épocas - principalmente com os da década de 1960. A juventude dos anos 60 foi marcada pela eclosão do movimento estudantil, pela Guerra do Vietnã, pela ascensão de um movimento de contracultura que pregava a paz e o amor em vez da violência e pelo medo que assolava o mundo em consequência da Guerra Fria (CARMO, 2003).

É nesse contexto que o “jovem como modelo cultural” (PERALVA, 1997) emerge e se torna uma espécie de símbolo da categoria concomitantemente com a ideia de que o “envelhecimento postergado transforma o jovem, de promessa de futuro que era, em modelo cultural do presente” (PERALVA, 1997, p. 25). Quando os jovens das décadas de 1980 e 1990, “filhos de uma classe média recém desengajada de uma luta política dos anos 60” (*IstoÉ*, 16/04/1980, edição 173), divergem dessa concepção de juventude, os mesmos tornam-se alvo de análises.

Dentre as reportagens analisadas, apenas uma⁵ não se utiliza de trechos de fala de jovens ao longo de sua constituição. Nas revistas *Veja* e *IstoÉ*, 180 jovens têm excertos de suas falas nas reportagens selecionadas - que são usados como recursos jornalísticos para

⁵ A reportagem intitulada “A sucessão” (*Veja*, 27/10/1993, edição 1311 A) não tem trechos de fala ao longo de sua narrativa porque é um texto do escritor e jornalista Zuenir Ventura escrito especialmente para a edição especial de 25 anos da revista *Veja*. O texto foi selecionado para análise porque analisa embates geracionais entre adultos e jovens no contexto da época.

compor a narrativa jornalística das reportagens ao mesmo tempo que corroboram para a constatação da emergência de uma juventude individualista, consumista e conservadora.

Os jovens que aceitaram dar entrevistas e terem seus trechos de fala expostos são, na maioria das vezes, de classe média. Há casos de filhos de funcionários públicos de alto escalão, como filhos de ministros e secretários, como no caso de Luís Cláudio Rodrigues, na época com 20 anos, “filho de um juiz do Trabalho carioca” (*Veja*, 02/01/1985, edição 852, p. 37), que tem sua imagem e trechos de suas falas expostas na reportagem “Uma batucada de rock” (*Veja*, 02/01/1985, edição 852); jovens que eram filhos de adultos do meio artísticos, como Fernanda Torres, com 17 anos na época, filha da consagrada atriz Fernanda Montenegro e do ator e diretor Fernando Torres, que aparece tanto em fotos como com trechos de fala na reportagem “Como eles transam” (*IstoÉ*, 17/03/1982, edição 273); filhos de escritores, como Áurea Leminski, filha de Paulo Leminski, que na época, com 15 anos, tinham sua imagem e excertos de fala veiculados na reportagem “Arriscada descoberta” (*IstoÉ*, 27/08/1986, edição 505); filhos de pessoas do meio acadêmico como a filha de Marilena Chauí, Luciana Chauí, com 16 anos na época, que tinha uma imagem e trechos de uma entrevista sua na reportagem “Como eles transam” (*IstoÉ*, 17/03/1982, edição 273) e, por último, jovens que já tinham uma carreira artística consolidada ou em ascensão, como no caso de Deborah Secco e André Marques⁶, ambos com 16 anos na época, que tinham suas imagens e trechos de entrevistas em destaque na reportagem “O que é ter 16 anos” (*IstoÉ*, 11/09/1996, edição 1406).

No que tange a sexualidade, a principal temática que a relaciona com a juventude é a AIDS; dentro das fontes selecionadas, 13 reportagens falam a respeito da AIDS⁷ e como a doença impactou as relações juvenis. Na década de 1980, quando a doença e seu modo de transmissão foram descobertos, os tabus que tinham sido quebrados a respeito do sexo na geração de 1960 voltaram a tona e o medo de ser infectado pelo vírus era temática de diversas reportagens da *Veja* e da *IstoÉ*.

⁶ Ambos eram atores da Rede Globo de televisão.

⁷ O vírus que mudou costumes e matou 25 milhões de pessoas teve seus primeiros casos conhecidos em 1981, nos Estados Unidos; foram relatados 41 casos de pacientes jovens que morriam pouco tempo depois de entrar no hospital. Em 25 anos, o HIV matou 25 milhões de pessoas e está presente em outros 40 milhões. É a 2ª doença infecciosa que mais faz vítimas no mundo, logo atrás da tuberculose. Informações retiradas da reportagem “25 anos de AIDS”, disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/25-anos-de-aids/>> . Acesso em 20 de maio de 2017.

É no ano de 1986 que, dentre as fontes escolhidas, uma relação entre a AIDS e a ascensão de um conservadorismo na juventude emerge. A reportagem da *IstoÉ* intitulada “Arriscada descoberta: A incidência de doenças venéreas cresce entre os adolescentes e preocupa o governo” (*IstoÉ*, 21/08/1986, edição 505) traz trechos de fala do ministro da saúde da época, Roberto Figueira Santos, sobre o número alarmante de jovens contaminados por doenças sexualmente transmissíveis no Brasil “O problema da DST é mundial, diz ele, mas no Brasil vem se alastrando de maneira mais gritante no segmento jovem da população, entre 15 e 20 anos”. (*IstoÉ*, 21/08/1986, edição 505 p. 34).

A juventude era considerada um ‘grupo de risco’. Por se tratar de “um período de mudanças físicas, sociais e cognitivas” (FROTA, 2007, p. 155) quando um jovem contraía uma DST, “é ainda pior, pois está passando por uma fase de transição delicada para a maturidade - a doença muitas vezes, lhe parece uma punição por ter transgredido a proibição”(*IstoÉ*, 21/08/1986, edição 505, p.36).

A partir da leitura e análise dos artigos, identificam-se mudanças que permeiam a transição dos anos 1980 para os anos 1990 nas próprias reportagens. Na década de 1980, marcada pela reabertura política e pelo retorno da democracia, uma série de eventos traz a tona um novo cenário brasileiro, agora não mais marcado pela censura e pela ditadura. Analisar as representações de uma juventude específica com um alto poder de consumo no contexto de crise das décadas de 1980 e 1990 é extremamente complexo pois essa juventude é privilegiada em detrimento das outras juventudes brasileiras. As reportagens analisadas se utilizam de recursos narrativos para tomar um tipo de realidade como padrão; a partir daí, as publicações homogeneizam grupos sociais não levando em conta que as sociedades são constituídas de diversas realidades. É esse processo que acontece com a juventude nas fontes analisadas.

REFERÊNCIAS

AARÃO REIS, Daniel (coord.). **Modernização, Ditadura e Democracia: 1964-2010** - Volume 5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. 2ª ed. – São Paulo: Editora SENAC, 2003.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**. Dourados, MS, v. 13, n 24, p. 15-29, jul/dez 2011.

_____, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. In: CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999, p. 07-37.

FARIA, Wilmar. Desenvolvimento, Urbanização e Mudança na Estrutura de Emprego: A Experiência Brasileira dos últimos 30 Anos. In: ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; SORJ, Bernardo (orgs.). **Sociedade e Políticas no Brasil Pós-64**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e da adolescência: A importância da historicidade para a sua construção. **Estudos e Pesquisas Em Psicologia**. Rio de Janeiro, v .7, n. 1, p. 144-157, abr 2007.

GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade . **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 207-219, nov. 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo: estudos sobre a História**. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2014.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens 1: da Antiguidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LOHN, Reinaldo Lindolfo; OLIVEIRA, Carlos Eduardo Pereira; CARVALHO, Vinícius Augusto Pontes. A narrativa da crise: Nova República, imprensa e transição política no Brasil (revista *IstoÉ*, 1976-1985). In: LOHN, Reinaldo Lindolfo (Org). **História nas Bancas de Revista - Um país impresso: entre representações sociais e culturas políticas**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2016, p. 159-190.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-153.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: Margulis, Mario (org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 19-32.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril**. 1997. 359f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, 1997.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: Como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 131-137.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, STARLING, Heloisa Murgel Starling. **Brasil : uma biografia**. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (orgs.). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999, p.39-50.